



Texto:  
Cláudia Martins\*

## Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011

**Cristina é mãe, esposa e com uma vida profissional que lhe ocupa a maior parte dos seus dias. Com tantas tarefas no dia-a-dia ainda arranja tempo para se dedicar a 100% ao Escutismo. Se um dia tivesse 48 horas, seria o ideal para esta dirigente, que é feliz por ser voluntária.**



Texto:  
Sandro Bernardo\*

Cristina Batista tem 40 anos e é dirigente no Agrupamento 1320-Vale Figueira, da Região de Setúbal. É escuteira desde 1986 «entrei para os júniores (Exploradores) e no ano seguinte passei para os séniores (Pioneiros). Fiz o percurso normal e, em 1998, fiz a minha promessa de dirigente». Estava na altura de constituir uma família e por isso, no ano 2000, casou e abandonou o Movimento. Mas as saudades falaram mais alto e regressou ao activo em 2007, já com duas filhas, para abrir o Agrupamento 1320 a convite do Assistente de Vale Figueira.

Tem como formação base Engenharia e é consultora, o que faz com que conheça o País como a palma



Mesmo ao fim-de-semana Cristina ainda arranja tempo para pensar no trabalho.

da sua mão. A empresa para que trabalha «tem sede em Vila Nova de Gaia. «Como faço parte do escritório de Lisboa e actualmente sou a única pessoa que está aqui na zona sul, tenho muitos projectos de Norte a Sul do País». Com esta vida ocupada, que a obriga muitas vezes a passar alguns dias fora de casa consegue, com algum esforço, conciliá-la com a vida familiar e escutista. «É complicado, porque temos reuniões de direcção e de chefes de unidade. O que vale é que normalmente as reuniões são em minha casa».

Cristina é casada com o Miguel, chefe de agrupamento de Vale Figueira, e têm duas filhas: A Joana e a Marta, 10 e 6 anos respectivamente. São todos escuteiros. Para a Marta «tudo isto é novidade: os escuteiros, a escola, a catequese! Ela é um pouco mais mexida que a Joana». A filha mais velha é uma grande ajuda para o casal, que fez questão de estimular-lhe a sua própria autonomia «Levanta-se às 7h, vai comprar pão, trata das sandes dela, e muitas vezes faz para a Marta porque eu não estou em casa, e depois

vai-se embora». Contudo, esta autonomia esconde muitas vezes saudades da mãe, e quando Cristina sai para mais uma semana de trabalho, Joana pergunta sempre «quando é que voltas mãe?», isto porque «me conheceu num tempo em que eu tive uma paragem profissional e portanto estive um pouco mais presente». Quanto à Marta «é um pouco mais desligada. Pelo menos não demonstra a falta».

### «O voluntariado mais do que, dar é nós nos darmos a nós próprios»

Cristina e os dirigentes do seu agrupamento vivem activamente o Voluntariado na paróquia «o lar paroquial tem necessidade de ter voluntários... À noite, normalmente, dorme lá uma funcionária que para além de fazer as limpezas acorda os diabéticos para comerem». Num lar composto por três alas, e em que cada ala é composta por 10 ou 12 camas «os voluntários estão lá na perspectiva de que se acontecer alguma coisa» até porque por vezes «há pessoas que morrem ou têm que ir para o hospital, há tanta coisa que pode acontecer! E se for preciso ir para o hospital com alguém, o voluntário vai e a funcionária fica no lar».

Os dirigentes de Vale Figueira abraçaram esta causa e cada um deles estava de serviço às quartas-feiras à noite. Infelizmente, por questões profissionais, Cristina teve que abandonar o projecto «é muito complicado para nós que trabalhamos e temos um dia de trabalho pela frente». Tudo isto acontece porque na paróquia «não há capacidade financeira para ter duas funcionárias à noite».

No entanto, o Pedro – outro dirigente do agrupamento – continua a participar e dar o seu tempo a quem mais precisa. Não obstante, Cristina vestiu a camisola de voluntária «foi muito gratificante, porque o voluntariado, mais do que dar, é nós nos darmos a nós próprios». A dirigente explica que «mesmo na oração do escuta “dar-nos sem medida” é uma coisa que ultrapassa, que não tem dimensão!».

Cristina conta que não espera outra recompensa ao ser voluntária no CNE e, emocionada, diz «mesmo sem esperar outra recompensa é tão gratificante quando os miúdos reconhecem o nosso trabalho e tudo aquilo que nós fazemos por eles... É a melhor recompensa que podemos ter».

[Continua]



## «Os pais também têm que dar um pouco de si»

Para além do trabalho e da vida familiar, Cristina ocupa a maior parte do seu tempo com o agrupamento. É chefe da Expedição São Domingos de Sávio e explica que «o que nós damos aqui de voluntariado, é para nós adultos e dirigentes aqui, em Vale Figueira, um trabalho de muita responsabilidade, porque temos um chefe de agrupamento muito exigente e não é dar aquilo que nós podemos dar porque nós temos que ser responsáveis... Acabamos por nos voluntariar, mas não é fazer as coisas pelo mínimo, é fazer as coisas com qualidade». Reconhece que esta exigência vale a pena porque «temos tido frutos de todo este trabalho que temos feito com os miúdos». É este o verdadeiro sentido de voluntariado, porque «é realmente **darmo-nos** em todo o nosso expoente». Faz questão de dizer que «ao sermos tão exigentes, todos os miúdos têm que aproveitar ao máximo a sua estadia no agrupamento. Porque se há miúdos que faltam, se há miúdos em que a família não está comprometida connosco... Se calhar não é este o agrupamento que procuram». Em Vale Figueira quando uma criança entra para o agrupamento «os pais também têm que dar um pouco de si, não é só o miúdo que entra, é a família inteira. Há uma recepção que fazemos à família e ao miúdo.» Inspirados pelo lema “Desde *Brownsea* até Vale Figueira” recebem a família numa cerimónia que simula a saída de BP no cais de *Poole*, em Inglaterra, até desembarcar em *Seymour*, *Brownsea*, para realizar o primeiro acampamento. Toda esta envolvimento leva a que os pais, através de uma escala de serviço, trabalhem na Toca do Castor (bar do agrupamento) onde, ao lanche todos os elementos de Vale Figueira têm a oportunidade de lanche de uma forma mais saudável «temos sandes, leite e bolos caseiros que os pais fazem e levam naquele fim-de-semana para vender».

## «Dar-me sem medida»

Cristina Batista diz que privilegia a vida ao ar livre porque «Nós normalmente costumamos fazer acampamentos de mês a mês» garante que «só quando os tiramos do conforto, porque é isso que é ser explorador, é isso que é ser scout, é que os acabamos por conhecer».

É em campo que temos a oportunidade de ensinar os nossos miúdos a estarem alerta, e é ótimo quando os valores escutistas são transportados para o dia-a-dia porque «um voluntário é também aquele que está atento, como um escuteiro, e que tem uma atitude proactiva e não espera que nos peçam ajuda». Tal como a Cristina já nos disse, voluntariado é dar-se sem medida «É a frase que neste momento, na minha vida, me faz mais sentido».

\*Email: [comunicação@aev2011.cne-escutismo.pt](mailto:comunicação@aev2011.cne-escutismo.pt)



É no carro que Cristina passa grande parte do seu tempo.



A preparar mais uma Jornada Escutista para os Exploradores.



O Agrupamento Vale Figueira em formatura.



A Expedição São Domingos de Sávio.